



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8143 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

ESCRITAS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Alexandre Alves da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Marlécio Maknamara - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ESCRITAS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Resumo: O texto apresenta uma pesquisa de doutorado em andamento cuja temática versa em torno de corpos, gêneros e sexualidades a partir das narrativas de vida e escolarização de pedagogos e pedagogas em formação. Das inquietações que potencializam esta escrita emerge um problema: quais os sentidos sobre corpos, gêneros e sexualidades são construídos pelos pedagogos e pedagogas em formação? O argumento é que as narrativas de vida e de escolarização são atravessadas por relações de poder e por discursos a respeito de corpos, gêneros e sexualidades que disponibilizam posições de sujeito. Escolhemos operar com as pesquisas (auto)biográficas aproximando das perspectivas pós-críticas de investigação em educação. Utilizaremos da Entrevista Narrativa com a finalidade de ouvir graduandos do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Adotaremos a análise discursiva de inspiração foucaultiana para a interpretação do material produzido.

Palavras-chave: formação docente; narrativas de vida; pesquisas (auto)biográficas.

Considerações iniciais

O presente trabalho apresenta uma pesquisa de doutorado em andamento cuja temática versa sobre os discursos em torno de corpos, gêneros e sexualidades a partir das narrativas de vida e escolarização de pedagogos e pedagogas em formação. Emerge das inquietações um problema: quais significados sobre corpos, gêneros e sexualidades são construídos pelos pedagogos e pedagogas em formação?

Para este momento objetivamos apresentar nossas escolhas metodológicas evidenciando a relevância das pesquisas (auto)biográficas, argumentando que as narrativas de

vida e de escolarização são caras para estudos em torno de corpos, gêneros e sexualidades. Pretendemos desenvolver uma investigação de natureza qualitativa com graduandos do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia, utilizando como instrumento para produção de dados a Entrevista Narrativa e para interpretação dos dados a análise discursiva de inspiração foucaultiana.

Procuramos em nossas escritas aproximar de uma construção teórico-metodológica com as perspectivas pós-críticas em educação, cujos estudiosos situados neste terreno consideram que as narrativas de vida de professores em formação são atravessadas por relações de poder e por discursos que disponibilizam posições de sujeito, engendram saberes e verdades que generificam e sexualizam seus corpos.

“Arranca vida, estufa vela”: para onde as pesquisas (auto)biográficas nos levam?

Encontramos nas investigações (auto)biográficas a possibilidade de pesquisar em torno de narrativas que os sujeitos em processo de formação para a docência produzem sobre si, formando um “conjunto alargado de formas, cujo núcleo comum é o relato de vida do sujeito, seja por outrem – no caso das biografias –, seja pelo próprio – no caso das (auto)biografias, histórias de vida (SARMENTO, 2018, p. 123). Em nossas escolhas, falar de si, sobre suas experiências e significados atribuídos a elas possuem um lugar de excelência na formação de professoras e professores.

As investigações (auto)biográficas investem nas concepções que os sujeitos constroem sobre si, “considerando aspectos históricos, sociais, temporais, culturais, entre outros, e visa estudar os modos de constituição desse indivíduo enquanto ser social e único, e como o contexto histórico e social atravessa sua vida” (MELO, 2018, p. 52). A pesquisa com a utilização das histórias de vida nasce das experiências cultivadas pelos pesquisadores da Escola de Chicago (SOUZA; MEIRELES, 2018) nos anos de 1920 e 1930 ao voltar o olhar para as trajetórias de migrantes como perspectivas investigativas, apropriando de cartas, fotografias, diários entre outros registros. Em relação ao estabelecimento desse campo de pesquisas, os ditos de Souza e Meireles (2018, p. 288) evidenciam um cenário sócio-cultural que potencializou possibilidades investigativas de cunho qualitativo a partir de um interesse pelas vivências de sujeitos em território americano e as complexidades da vida urbana, impossíveis de serem mensuradas através de modos quantitativos de desenvolver pesquisa.

Ainda sobre invstigações (auto)biográficas Pineau e Le Grand (2012, p. 15) as definem como “uma busca de construção de sentido a partir de fatos pessoais temporais, o que envolve um processo de expressão da experiência”. Nestes feitos, a experiência possui um lugar em destaque em estudos larroseanos: segundo Larrosa (2002, p. 21), o que se entende por experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Entendemos para as nossas pesquisas que a experiência se encontra diretamente ligada à vida do sujeito, às suas vivências no cotidiano escolar, aos discursos que lhe fabricam verdades a ponto de verbalizá-las. Larrosa sustenta que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (2002, p. 27), o que confere o caráter formativo aos métodos (auto)biográficos de pesquisa em Educação os quais envolvem sujeitos em formação inicial para a docência ou profissionais já atuantes.

Neste sentido, entendemos que modos de pensar a vida e escrever nesta perspectiva é, conforme os escritos de Maknamara (2014, p. 168-169) um exercício de inscrição, “deixando claro por meio de nossos textos como apresentamos, como nos colocamos no mundo e como gostaríamos que nossos objetos fossem apresentados”. No sentido trazido pelo autor, adotar

uma escolha de escrita de vida nesta perspectiva para produzir conhecimento demanda uma fuga de “modelos dominantes de racionalidade e de escrita a ele correlatadas” (MAKNAMARA, 2020, p. 27). Consiste em potencializar modos de pesquisa que atribuem protagonismo às experiências que um dia foram neutralizadas e apagadas por “modos canônicos de produzir conhecimento” (2020, p. 27-28):

Ou seja, em sentido larroseano venho procurar reivindicar a experiência na minha forma de produzir conhecimento em educação. Nesse sentido, reivindicar a experiência na pesquisa educacional é não dar à experiência o lugar que a ciência moderna lhe deu. Isso requer ‘dignificar e reivindicar tudo aquilo que tanto a filosofia como a ciência tradicionalmente menosprezam e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida (LARROSA, 2014, p. 40). É por isso que falamos em saberes localizados: saberes que tem a ver com vidas, e têm compromisso com uma perspectiva parcial do conhecimento. Fugir dessa racionalidade inclui adotar uma outra linguagem para falar do conhecimento que está em jogo.

Aprendemos que narrar vidas em pesquisas em educação são valiosas, uma vez que “[...] em um contexto de investigação, as narrativas de si dão forma ao que foi vivido e possibilitam um profícuo e desejável movimento de caminhar para si” (MAKNAMARA, 2020, p. 40). Este caminhar para si é um exercício de rememorar suas experiências, suas trajetórias de vida, suas relações resguardadas as quais são significativas para nossas investigações ao entender que “narrar o vivido envolveria ‘concepções e práticas e o resgate de trajetórias pessoais e profissionais, o que se mostra fundamental para a trajetória profissional’ (FERNANDES e PRADO, 2008,p.16)” (MAKNAMARA, 2020, p. 40).

Desta forma, com a finalidade de trazer para o estudo as falas dos participantes adotaremos a Entrevista Narrativa (EN) como produção de dados (SCHÜTZE, 2011; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; ANDRADE, 2014). No Brasil, os procedimentos de EN são encorajados por Jovchelovitch e Bauer (2008), e adotados em pesquisas na educação, os quais afirmam que por meio das narrativas os informantes traçam suas trajetórias de vida, relembram vivências, buscam possíveis explicações para as situações ocorridas. Defendem que “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 91). Para o que desejamos, as entrevistas narrativas com os pedagogos e pedagogas em formação constituem relevância em sinalizar por meio das experiências de vida e escolarização as correlações de poder que atravessaram os conceitos pensados pelos pedagogos e pedagogas em formação em torno de corpos, gêneros e sexualidades.

Estas considerações direcionam a pensar que as EN exercitam o narrar de uma vida; ao adotar este procedimento em nossa proposta de investigação precisamos evidenciar a importância de criar um ambiente no qual o sujeito se encontre seguro e predisposto a narrar trajetórias de vida e de escolarização. As escolhas metodológicas que fazemos defendem, também, que as vidas contadas por esses sujeitos são engendradas por mecanismos de poder (MAKNAMARA, 2016). O poder é uma relação e para além de uma força concentrada unicamente em uma instituição, a exemplo do poder do Estado ou outras instituições coercitivas. Este é compreendido como “multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte” (FOUCAULT, 2018, p. 100).

Nesse modo, conforme Maknamara (2016), pensar o poder enquanto rede contínua de produção de saberes é importante para compreender as narrativas enquanto “acionamentos do

poder”, discursos pelos quais tais poderes atravessam, definem verdades, potencializam modos de ser sujeito. Ouvindo o autor (2016, p. 505), “tal percepção está estreitamente ligada às formulações foucaultianas em torno do conceito de discurso. Foucault (2003, p. 140) ressalta que a ‘prática do discurso não é dissociável ao exercício do poder’”. Deste modo, por mais pouca coisa que o discurso aparenta ser, ele se encontra imerso ao desejo e à vontade de poder da qual constituem verdades.

A respeito de correlações de poder e discursos, entendendo-os como modos de produção de saberes, estes nos levam a pensar a respeito das posições de sujeitos, vistos como lugares disponibilizados e demandados dentro do discurso para que sejam ocupados e assim constituído um sujeito de determinado tipo (OLIVEIRA, 2018). É nestas posições assumidas, inseridos nestes lugares do discurso que sujeitos se encontram em posições específicas para falar, se comportar e reproduzir determinados comportamentos em situações particulares. Neste sentido, o sujeito na medida em que assume uma determinada posição no discurso contribui para que este funcione, uma vez que “se o discurso disponibiliza uma posição, mas nenhum sujeito a ocupa, o discurso perde a força, já que esse sujeito é requisito, uma condição, para a existência do discurso” (OLIVEIRA, 2018, p. 74). Ao assumir uma posição de sujeito disponibilizada pelo discurso este passa a falar e agir conforme as regulações que atravessam seu cotidiano.

Assim, provocações que impulsionam pensar a respeito de poder, discursos e processos de formação de sujeitos a partir dos estudos foucaultianos nos “direcionam” a adotar técnicas de análises de discursos por meio dos estudos de Foucault e de pesquisadores que dialogam com o filósofo. Tal análise inspirada em pesquisas foucaultianas dos dados produzidos pelas narrativas dos participantes da investigação sobre gêneros e sexualidades que considera “as relações históricas, os jogos de força, as práticas concretas que o próprio discurso articula, põe em funcionamento e mantém “vivas” (MAKNAMARA, 2016, p. 62)”.

Consideramos, pois, que investir em analisar discursos narrados por graduandos em pedagogia possui força nesta investigação uma vez que consideramos que estes produzem posições de sujeitos das quais os participam falam sobre corpos, gêneros e sexualidades. Dialogando com Paraíso (2014, p. 30), “analisamos as relações de poder que impulsionaram a produção de discurso que estamos investigando, e mostramos com quais outros discursos ele se articula e com os quais ele polemiza ou entra em conflito”. Traçar um caminho de análise nessa perspectiva descentraliza o sujeito binário, resultado da natureza, e o posiciona como artifício da linguagem, sujeito histórico, produto do discurso e das relações de poder.

Traçar essa escrita nos é importante para compreender como as narrativas de vida são carregadas de intencionalidades e que os narradores falam sobre corpos, gêneros e sexualidades evidenciando as narrativas de escolarização inseridos em uma determinada posição de sujeito. A respeito das narrativas de vida ouvimos Foucault (1996, p. 21) quando este considera que são compostas por “fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza”.

Entendendo que poder e discurso atravessam caminhos capilares, produzem saberes e sujeitos, configuram controle e resistência, buscaremos por meio deste modo de analisar “estratégias para descrever e analisar aquilo que nomeia o sujeito, que divide, separa, categoriza, hierarquiza, governa e, conseqüentemente, produz sujeitos de determinados tipos (PARAÍSO, 2014, p. 32). Tal perspectiva de análise dá importância aos jogos de poder presentes nas narrativas enunciadas pelos sujeitos, regulações sobre as performances de gênero e sexualidade, assim como as contradições que atravessam e aceitam determinados corpos ao passo que rejeitam outros. Por tal modo de analisar nos será permitido, ainda,

considerar que aquilo que é dito nas narrativas de vida não apenas representa, mas institui aquilo que se diz. Ainda por tal análise visaremos dar importância às disputas de posições e às resistências que podem vir a surgir dos discursos dos pedagogos e pedagogas em formação.

Considerações finais

A proposta desta escrita parte de uma construção de pesquisa em torno dos corpos, gêneros e identidades a partir de um olhar para as narrativas de vida e de escolarização de licenciandos em Pedagogia. Traremos para este lugar graduandas e graduandos do curso de licenciatura da Universidade do Estado da Bahia, campus XVII, localizada no município de Bom Jesus da Lapa, região Oeste do estado baiano.

Buscamos construir esta escrita mobilizados pelo argumento que as narrativas de vida em pesquisas (auto)biográficas não se encontram em um campo de neutralidade, mas são atravessadas por incessantes disputas, por correlações de poder e por discursos que constituem verdades e disponibilizam posições de sujeito para aqueles que narram. Através das Entrevistas Narrativas para produzir dados com os participantes da investigação faremos o exercício da escuta sensível de trajetórias de vida e de escolarização, compreendendo que os significados que estes sujeitos atribuem às suas experiências são profícuos para estudos em educação que envolvam corpos, gêneros e sexualidades.

Em vista disso, as perspectivas pós-críticas de investigação bagunçam modos ortodoxos de fazer pesquisa, abandonando intenções de explicações universais, de fazer descobertas e de atribuir ao sujeito um caráter natural, binário, masculino/feminino. Importamos aqui com o processo de problematização e desconstrução que sobressaltam a exigência de uma resposta inflexível. Estender investigações para outros modos além dos tradicionais é o que permite a viagem ir cada vez mais longe. Estes modos de investigar que adotamos se constituem por labirintos atravessados por relações capilares de poder, conforme aproximações e leituras de autoras e autores que já investem neste terreno investigativo há anos. Poder este que é disputa por verdades e posições de sujeito; modos de regulação de corpos generificados e sexualizados em um modelo heteronormativo, assim como modos insurgentes de resistência.

Referências

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014. p. 175-196.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: 2018.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** 2002, n.19, p.20-28

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**.

Petrópolis, Vozes, 1997.

MAKNAMARA, M. Afinidades e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014. p. 155-174.

MAKNAMARA, M. Tornando-me um professor de biologia: memórias de vivências escolares. **Educação em Foco**, v.21, n.2, p.495-522, 2016.

MAKNAMARA, M. O que Joana e Janaína têm a ensinar para o ensino de Biologia. In: FERREIRA, M. S. *et al.* (Orgs.). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 27-41.

MELO, A. S. A. F. “**Entre flores no jardim**” – Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de ciências biológicas da UEFS. 2018. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador – Feira de Santana, 2018.

OLIVEIRA, T. S. **Conflitos discursivos nos ditos de professores/as de ciências sobre sexualidade**. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014. p. 25-45.

PINEAU, G.; LE GRAND, J. L. **As Histórias de vida**. Natal: EDUFRRN, 2012.
SARMENTO, T. Narrativas (auto)biográficas de crianças: alguns pontos de análise. In: PASSEGGI, M. C. *et al.* (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal: EDUFRRN, 2018. p. 123-143

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, 2018. p. 282-303.